

A vida sem dramas...

Teatro

HELENA SIMÕES

...assim anuncia o slogan da Revista *Caras*, no cartaz exposto numa montra do Teatro Politeama. E assim parece ser na rua das Portas de Santo Antão, em frente ao Coliseu, os espectadores não só de Lisboa acotovelam-se para entrar. É o penúltimo dia do ano e há um ambiente festivo. À entrada, Filipe La Féria distribui sorrisos e autografa os programas. A sala do Teatro em forma de concha parece um ovo: esgotadíssima. O público acomoda-se rapidamente nos seus lugares, e sabe ao que vem: vem ao Teatro divertir-se. Por momentos parece uma apropriação do *West End*, actualizado ao imaginário do musical português - a *Revista*.

West Side Story, o musical concebido e fabulosamente coreografado por Jerome Robbins, sobre a amada partitura de Leonard Bernstein, com argumento de Arthur Laurentis e libreto de Stephen Sondheim, estreou no Winter Garden de Nova Iorque em 1958; tem agora a sua estreia em versão portuguesa. E a expectativa do público não sai desvirtuada pois o musical é cantado com *elan* e justeza e a direcção de actores é de qualidade.

Tal como nos informa no programa do espectáculo, La Féria quer converter a ida ao teatro «numa experiência inesquecível». E para tal não se poupa a esforços, investindo fortemente na qualidade artística e técnica do seu produto. É assumidamente mais uma grande produção para *consuming*, e, como tal, o investimento acentua o que está à vista. E o que está à vista, mal sobe o pano de boca, é uma cenografia que recria com imaginação e saber técnico uma rua do *upper west side* nova-iorquino, com o *skyline* e os arranha-céus de Manhattan tutelando o desenrolar da história sob o céu que, romanticamente, se vai tingindo das mesmas cores que os estados de alma das personagens. E há ainda a ponte de Brooklyn, essa obra-de-arte de engenharia, um quase protótipo onde circulam viaturas (electrificadas, cálculo) e que tal como as janelas dos arranha-céus também se ilumina quando a noite cai. E depois são as paredes laterais do palco cenografadas com as traseiras dos edifícios em tijolo vermelho, e os *catwalk* a permitir a subida de Tony até à varanda de Maria. E mais as possibilidades de

um palco que sobe e desce para fazer e refazer cenários: a loja de vestidos de noiva onde trabalha Maria, ou o seu quarto no primeiro andar. No centro do palco fica a rua, esse «pedaço de rua» disputado pelos dois famosos *gangs* de emigrantes: os europeus louros - os *Jactos* e os porto-riquenhos - os *Tubarões*.

Para além da cenografia esmerada e das exactas e cronometradas mudanças de cena, a produção conta com um «corpo de baile» talentoso e bem ensaiado, a transmitir o vigor e a exuberância das coreografias de Robbins para uma «juventude revoltada». Exuberância também nas cores: do guarda-roupa, dos cabelos, da iluminação. Uma homenagem à memória de uma certa América e aos seus ícones cinematográficos - *Super-Man*, Marilyn, James Dean, Brando, os *jeans*, as camisas aos quadrados, os ténis, os blusões

bem elaborado e coeso (feito a partir de *Romeu e Julieta*) que reside a perfeição e o equilíbrio de *West Side Story*. La Féria compreendeu bem essa qualidade estrutural e seguiu à letra, na sua tradução cuidada, as pressupostas determinações cénicas que acompanham os direitos autorais do musical. E ao fazê-lo, com tal respeito pelo original, tornou a convenção do género musical numa super-convenção e desrealizou a narrativa. Neste sentido, pouco importa que a rivalidade seja em Verona, entre Montéquios e Capuletos, ou entre os gangues de adolescentes dos bairros pobres de Nova Iorque. Tão só importa mostrá-la de forma espectacular. Sem dramas... ●

WEST SIDE STORY - AMOR SEM BARREIRAS, baseada na concepção de Jerome Robbins, guião de Arthur Laurentis, música de Leonard Bernstein, libreto de Ste-



de cabedal, etc. E porque é justamente graças ao cinema que *West Side Story* se imortalizou no supergalardoado filme (dez Óscares), de 1961, da dupla de realizadores Jerome Robbins e Robert Wise, são as cenas do filme que a memória do espectador reactualiza, mas também ou sobretudo a memória auditiva de *America, Cool, Somewhere, Tonight, Maria*. É natural que assim seja, numa obra com poucas partes faladas e onde a música e a coreografia mais do que conceitos abstractos, veiculam acções e emoções. É justamente nesta teatralidade musical e coreográfica, integradas num argumento

phen Sondheim, segundo a produção original dirigida e coreografada por Jerome Robbins, com tradução, adaptação, encenação, cenografia e figurinos de Filipe La Féria, coreografia Inna Lisniak, direcção musical Telmo Lopes, direcção vocal Tiago Isidro, maestro Pedro Vieira de Almeida, desenho de luz Filipe La Féria, João Fontes e Carlos Martins, com Bárbara Barradas, Cátia Tavares, Rui Andrade, Ricardo Soler, Pedro Bargino, Tiago Diogo, Anabela, Lúcia Moniz, Alberto Vilar, Carlos Quintas, Tiago Isidro, David Ventura, e um numeroso elenco de actores, bailarinos e músicos. Teatro Politeama, de terça a sábado às 21h30. Sábados, domingos e feriados às 17h00. Até Junho.